

MORAES, ROQUE E GALIAZZI, MARIA DO CARMO.
ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA.
HERÓI: UNIJUÍ, 2007. 224 P.

Luciana Mendes Pereira⁴⁴
Juliana Kiyosen Nakayama⁴⁵

CAPÍTULO 1 – UMA TEMPESTADE DE LUZ: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva

Neste capítulo inicial, os autores apresentam a análise textual discursiva como um ciclo composto de três momentos: a desmontagem dos textos, o estabelecimento de relações e a captação do novo emergente, tudo isso num processo auto-organizado.

O início da análise parte do princípio que as pesquisas qualitativas utilizam-se muito das análises de textos, como o objetivo de aprofundar a compreensão dos fenômenos que investigam a partir de uma análise rigorosa e criteriosa dos textos.

Partem então para os focos expostos acima: a desmontagem dos textos (processo de unitarização: examinar os detalhes), o estabelecimento de relações (categorização: formação de unidades de base), a captação do novo emergente (a análise dos itens anteriores, desencadeia a emergência de uma compreensão renovada do todo, o metatexto) – estes formam um ciclo – e o processo auto-organizado (o resultado das novas compreensões).

Na desmontagem dos textos, deve-se considerar o significado da leitura e os sentidos que podem ser construídos a partir de um mesmo texto. Também a análise do “corpus”, com o envolvimento na análise que emergirá nas novas compreensões dos fenômenos investigados.

Se um texto pode ser considerado objetivo em seus significantes, não o é nunca em seus significados, pois todo texto possibilita uma multiplicidade de leituras, que envolvem as intenções dos autores, dos leitores e com os campos semânticos em que se inserem.

Por isso, os resultados obtidos na análise dos textos pesquisados dependem tanto dos autores dos textos quanto do pesquisador. É a polissemia que está implícita em qualquer texto que pode dar origem a diferentes tipos de leituras e interpretações.

A atitude fenomenológica, significa colocar “entre parênteses” as próprias ideias e teorias (do pesquisador) e exercitar uma leitura a partir da perspectiva do outro. Mas, qualquer leitura implica ou exige algum tipo de teoria para poder concretizar-se, pois é impossível ver, ler e interpretar sem uma base teórica.

A análise textual concretiza-se a partir de um conjunto de documentos denominado “corpus”, que representa as informações da pesquisa, requerendo uma seleção e delimitação rigorosa. É constituído de produções textuais: escritas, faladas, imagens e expressões linguísticas em geral.

Os autores assim definem texto: “Os textos são entendidos como produções

44 Doutoranda em Estudos da Linguagem (UEL). Mestre em Direito Negocial (UEL). Especialista em Direito Empresarial (UEL). Especialista em Bioética (UEL). Bacharel em Direito. Professora no Departamento de Direito Privado (UEL) e Centro Universitário Filadélfia (UniFil). Advogada. lumendes@uel.br

45 Doutoranda em Estudos da Linguagem (UEL). Mestre em Direito Negocial (UEL). Especialista em Educação à distância (SENAC). Bacharel em Direito (UEL). Professora do Departamento de Direito Privado (UEL). Advogada. juliananakayama@uel.br

linguísticas, referentes a determinado fenômeno e originadas em um determinado tempo e contexto” (p. 16). O texto expressa discursos sobre diferentes fenômenos e pode ser lido, descrito e interpretado, correspondendo a uma multiplicidade de sentidos que a partir dele podem ser construídos.

Os textos componentes de um “corpus” de pesquisa podem ser produzidos especialmente para determinada pesquisa (transcrições de entrevistas, registros de observação, depoimentos, anotações, diários etc.), quanto podem ser textos já existentes (relatórios, publicações, editoriais de jornais e revistas, resultados de avaliações, atas etc.).

O pesquisador deve interpretar o texto do “corpus”, pois os textos não carregam um significado a ser apenas identificado, mas trazem significantes exigindo que o leitor ou pesquisador construa significados, tendo sempre em mente o autor do texto original.

Faz-se necessária a definição e a delimitação do “corpus”, selecionando-se um conjunto de textos capazes de produzir resultados válidos e representativos em relação aos fenômenos investigados (no caso dos preexistentes) ou pelo critério da saturação (no caso da produção específica para a pesquisa).

A desconstrução e a unitarização do “corpus” consistem num processo de desmontagem ou desintegração dos textos, destacando seus elementos constituintes, com o objetivo de perceber os sentidos dos textos em diferentes limites de seus pormenores, com maior ou menor amplitude determinada pelo pesquisador.

A análise adequada dos textos, levam ao envolvimento do pesquisador, além de uma impregnação aprofundada com os elementos do processo analítico, que passa por um processo de desorganização e desconstrução antes que se possa atingir novas compreensões.

92

Exercitar uma leitura aprofundada significa explorar uma diversidade de significados que podem ser construídos a partir de um conjunto de significantes. É uma atividade exigente e trabalhosa, supondo uma leitura cuidadosa e pormenorizada dos materiais do “corpus”.

A categorização das unidades anteriormente construídas, é o segundo momento do ciclo de análise dos textos, sendo um processo de comparação constante entre as unidades definidas no momento inicial da análise. Os conjuntos de elementos de significação próximos constituem as categorias, que podem ser construídos em diferentes níveis (iniciais, intermediárias e finais).

As categorias podem ser produzidas por diferentes metodologias: o método dedutivo (um movimento do geral para o particular), constroi categorias antes mesmo de examinar o “corpus”, são as categorias “a priori”; o método indutivo (movimento do particular para o geral), implica construir as categorias a partir das unidades de análise adquiridas a partir do “corpus”, são as categorias emergentes. Os dois processos podem ser utilizados de forma mista, em que a indução auxilia a aperfeiçoar um conjunto prévio de categorias produzidas por dedução.

O método intuitivo, defende que as categorias tenham sentido a partir do fenômeno focalizado como um todo; as categorias produzidas originam-se de inspirações repentinas, “insights” que se apresentam ao pesquisador a partir de uma intensa impregnação nos dados relacionados aos fenômenos. Este método está subentendido nos métodos dedutivo e indutivo, mas muito mais marcante do indutivo.

O essencial no processo são as possibilidades de o conjunto de categorias

R
E
V
I
S
T
A

construído propicie uma compreensão aprofundada dos textos-base da análise.

As categorias devem ser válidas e pertinentes, no que se refere aos objetivos e objeto da análise, devendo ser capazes de propiciar uma nova compreensão sobre os fenômenos pesquisados.

A homogeneidade é outra propriedade desejável na categorização, ou seja, as categorias precisam ser construídas a partir de um mesmo princípio, a partir de um mesmo contínuo conceitual.

A exclusão mútua, é uma propriedade cuja exigência está em declínio, diante da aceitação da possibilidade de leitura com inúmeras interpretações de um texto. Este entendimento representa um esforço no sentido da fuga da fragmentação e do reducionismo, em direção a descrições e compreensões mais holísticas e globalizadas, num diálogo entre o todo e as partes.

Toda categorização implica teoria. Categorias constituem conceitos abrangentes que possibilitam compreender os fenômenos, que precisam ser construídos pelo pesquisador. As categorias não são dadas, mas requerem um esforço construtivo intenso e rigoroso de parte do pesquisador até sua explicitação clara e convincente. Esse é um momento em que o pesquisador necessita assumir sua função de autor de seus próprios argumentos.

Pesquisar e teorizar passam a significar construir compreensão, compreender esse nunca completo, mas atingido por meio de um processo recursivo de explicitação de interrelações recíprocas entre categorias, superando a causalidade linear e possibilitando uma aproximação de entendimentos mais complexos.

Por isso, a análise textual discursiva é feita em dois momentos: a fragmentação e a categorização. No primeiro ocorre a desorganização, no segundo ocorre a síntese, não com retorno ao original, mas com a construção de um novo texto, em metatexto que tem sua origem nos textos originais, expressando a compreensão do pesquisador sobre os significados e sentidos construídos a partir deles.

A qualidade do metatexto existente fruto da análise textual discursiva, não depende somente de sua validade e confiabilidade, mas é, também, consequência do fato de o pesquisador assumir-se autor de seus argumentos.

Toda análise textual discursiva corresponde a um processo reiterativo de escrita em que, gradativamente, atingem-se produções mais qualificadas. Podem ser produzidos textos descritivos, interpretativos, narrativos etc, mas a produção escrita na análise textual discursiva caracteriza-se por sua permanente incompletude e pela necessidade de crítica constante.

Para tanto, o pesquisador deverá exercitar um estranhamento em relação aos materiais que analisa e dos produtos parciais já atingidos, procurando examinar o fenômeno com um olhar abrangente (tese geral e teses secundárias).

Chegar a esses argumentos novos e originais não é apenas um exercício de síntese. Constitui-se muito mais em momento de inspiração e intuição resultante da impregnação intensa no fenômeno investigado. Além disso, o autor precisa preocupar-se em ajudar o leitor na compreensão de seu texto.

A produção textual é também, para o autor, uma oportunidade de aprender, um processo vivo. Assim, combina duas faces de um mesmo movimento: comunicar e

aprender.

Os autores entendem que a descrição é um esforço de exposição de sentidos e significados em aproximação direta com os textos sob análise. Descrever não envolve um exercício interpretativo mais aprofundado, uma exposição de ideias de uma perspectiva próxima de uma leitura imediata.

Interpretar, por sua vez, é construir novos sentidos e compreensões, afastando-se do imediato e exercitando uma abstração; é um exercício de construir e de expressar uma compreensão mais aprofundada. Por isso, no momento interpretativo, é importante que o pesquisador se assuma como autor.

A produção de um metatexto é um esforço construtivo no intuito de ampliar a compreensão dos fenômenos investigados, sempre na busca de mais sentidos, em que tanto a teoria auxilia no exercício da interpretação, quanto a interpretação possibilita a construção de novas teorias.

Por isso, repita-se, o pesquisador não pode deixar de se assumir autor de seus textos, que serão criticados e validados, mediante a publicação e crítica.

O metatexto deve ser válido e confiável, critérios que serão verificados mediante a ancoragem dos argumentos, com o uso de “citações”, com a captação da dinâmica da realidade, sendo fiel ao “corpus” e interpretando-o adequadamente.

A construção de uma nova compreensão de um fenômeno dentro da análise textual discursiva pode ser descrita como um movimento em um ciclo, que se inicia com uma desorganização dos materiais de análise. A partir disso criam-se as condições para a emergência de novos entendimentos. Após, o exercício de explicitação das novas compreensões atingidas na análise, o metatexto.

94

A metáfora de “uma tempestade de luz” procura mostrar como emergem as novas compreensões no processo analítico, atingindo-se novas ordens por meio do caos e da desordem.

CAPÍTULO 2 – EXPLOSÃO DE IDÉIAS: a unitarização de informações como encami- nhamento de uma leitura aprofundada e compreensiva na análise textual discursiva

Neste capítulo, os autores aprofundam as discussões sobre o processo desconstrutivo da unitarização, como a busca dos significados dos textos estudados, da interpretação pelo pesquisador (participação ativa) e pelo início da personalização do metatexto.

A unitarização (recorte e fragmentação dos textos), pode ocorrer a partir de uma diversidade de metodologias, formas e focos linguísticos, o que resulta múltiplas unidades de análise, sem perder de vista o todo (focalização).

Assim, a unitarização constitui um movimento da análise de dados e informações capaz de propiciar as condições para uma reconstrução criativa da compreensão dos fenômenos focalizados.

A desconstrução consiste numa explosão de ideias, que não pode ser levada ao excesso, que não pode perder a referência no todo. Por isso, o limite das desmontagens coincide com o limite de sentidos que podem ser construídos a partir dos textos objeto da análise.

O pesquisador pode adotar um sistema de códigos (codificação) para indicar o material textual, para mostrar sua localização no texto sua importância. Por isso, as unidades construídas precisam ser válidas e pertinentes em relação aos fenômenos pesquisados, garantindo a validade do metatexto.

A validade das unidades requer uma construção gradativa e reiterativa, assegurando sua relação com os objetivos da pesquisa. A construção da validade dos resultados de uma pesquisa se encaminha a partir de um processo de unitarização que produz recortes válidos em termos dos fenômenos que estão sendo investigados.

Considerando que a unitarização é um trabalho criativo de reconstrução de significados, os sentidos precisam ser reconstruídos conforme as concepções teóricas do pesquisador e sua visão de mundo.

Para tanto, parte-se do pressuposto de que não há leitura neutra e objetiva. Toda leitura é uma interpretação. A interpretação de um texto, pode ser comparada com uma “imitação” que o leitor exercita (dependendo de suas teorias), procurando captar os sentidos que o autor tentou imprimir em seu texto.

As teorias do leitor/pesquisador podem ser duas: a analítica e a interpretativa. A primeira deriva de opções metodológicas e paradigmáticas; a segunda é referente aos fenômenos, à cognição dos objetos investigados.

Dessa forma, a unitarização não pode esquecer a relação inseparável entre texto e contexto. Os significados são sempre contextualizados. Os sentidos estão sempre presos aos contextos e discursos dos quais se originam. O texto de algum modo carrega o contexto, ainda que este necessite ser inferido e construído a partir do texto.

Contextualizar significa inserir-se no discurso a que as informações se referem, garantindo que as unidades produzidas tenham relação com os gêneros discursivos nos quais foram produzidas, que se mostrem pertinentes ao discurso social no qual se inserem. Então, pode-se dizer que existe uma segunda unidade, a unidade de contexto.

Aprofundar a leitura é conseguir identificar e isolar diferentes elementos unitários de sentido, sempre com foco no fenômeno investigado (associado à linguística). As informações de uma pesquisa são de natureza linguística e discursiva, tendo caráter histórico e contextualizado.

Os domínios principais, vinculados à Linguística, que podem orientar a desconstrução dos textos são: o léxico (vocábulo, palavras), o sintático (construção gramatical, significantes) e o semântico (significação das palavras e frases).

A análise temática busca o sentido, valorizando o psicológico e o linguístico, dependendo do aprofundamento nas leituras do pesquisador: a leitura do manifesto e a leitura latente, sendo esta última a mais utilizadas nas pesquisas qualitativas. Nisto se valoriza a subjetividade do pesquisador, procurando-se explorar ao máximo a fecundidade que isto pode significar.

O processo de unitarização, pode ainda ser examinado à luz de dois modos de pensamento: indução (vai dos exemplos às regras) e dedução (vai das teorias às informações). Ao fazer tais opções, o pesquisador estará, também, ao mesmo tempo, lidando com maior ou menor afastamento do contexto ao qual os textos se referem.

A análise textual discursiva constitui-se em um processo em espiral: a unitarização e contínuo refinamento, a reflexão (movimento do consciente e inconsciente) do

pesquisador, o aperfeiçoamento e esclarecimento na produção do metatexto.

Dessa maneira, a unitarização constitui um exercício de leitura intensa e rigorosa, capaz de fazer emergir múltiplos significados a partir de uma reunião de textos, um exercício de desordenação na procura de uma nova ordem.

CAPÍTULO 3 – CONSTRUINDO QUEBRA-CABEÇAS OU CRIANDO MOSAICOS? – Aprendizagem e comunicação no processo de categorização

Nesta parte os autores descrevem e aprofundam a categorização, como um movimento de síntese. De construção de sistemas de categorias capazes de expressarem as novas aprendizagens e compreensões construídas no processo da análise.

A categorização pode ocorrer a partir de dois processos: o de natureza dedutiva (objetivo, categorias “a priori”) e o de natureza indutiva (subjetivo, categorias emergentes), sempre com o objetivo de construir uma estrutura de categorias e subcategorias, levando à produção de matatextos.

A esse processo, os autores comparam ora a um quebra-cabeças, ora a um mosaico, sempre incluindo a atividade construtiva do pesquisador.

A categorização revela-se um exercício de classificação dos materiais de um “corpus” textual. Categorizar é reunir o que é comum, resultando em formação de conjuntos de elementos que possuem algo em comum. É um processo de criação, ordenamento, organização e síntese, que pode ser concebido como uma “construção”, contando com a atividade criadora do pesquisador (que precisa saber lidar com as incertezas e inseguranças da expectativa da emergência de novos modos de compreensão dos fenômenos investigados).

A interpretação, a subjetividade e intersubjetividade, de valorização dos contextos de produção e a natureza histórica dos processos de constituição de significados, estão sempre presentes na categorização. Sendo que é na vertente indutiva, que se atingem resultados mais criativos e originais.

A linguagem e a sua constituição estão estreitamente ligadas à categorização. A análise precisa lidar tanto com a polissemia dos textos como com a sua sua polifonia (sentidos), e essas compreensões têm seu ponto de partida na linguagem e nos sentidos que por ela podem ser instituídos, com a valorização dos contextos e movimentos históricos em que os sentidos se constituem.

As análises textuais movimentam-se num contínuo entre elementos de objetividade (dados) e subjetividade (interpretação do pesquisador). Por isso, dois elementos são importantes na construção das categorias: a relação e a validade com o contexto a que se referem, e a relação com os objetivos da pesquisa.

Os atributos mais importantes na categorização são: a validade ou pertinência; a homogeneidade; a amplitude e precisão; a exaustão (delimitada pela saturação ou exclusão mútua).

Existem as categorias “a priori” (modo fechado, dedutivo), as emergentes (modo aberto, indutivo) e as mistas (inicia de modo fechado, possibilitando uma análise de modo aberto).

Pode-se, então, afirmar que um conjunto de categorias necessita ser construído de

96

R
E
V
I
S
T
A

modo a atender a algumas características, das quais depende sua qualidade.

As categorizações, no seu conjunto, representam sínteses elaboradas pelo pesquisador no sentido de expressar as novas compreensões atingidas em relação ao seu objeto de pesquisa. Os metatextos são as expressões escritas que resultam das descrições e interpretações, a partir das categorias.

A categorização é, assim, parte integrante do movimento de teorização que toda pesquisa pretende. A síntese final, a teoria construída, evidencia a capacidade do pesquisador de abandonar os detalhes do empírico para expressar a discurso investigado em seus aspectos mais importantes.

CAPÍTULO 4 – MOVIMENTANDO-SE ENTRE AS FACES DE JANO: o comunicar e o aprender na produção escrita que acompanham a análise textual discursiva

No capítulo quatro, os autores aprofundam as questões do processo da escrita e da organização de metatextos resultantes do processo analítico, ou seja, de um processo constante de construção e reconstrução, de comunicação e aprendizagem, de descrição e interpretação. Essa dubiedade de faces explica o título do capítulo, considerando que Jano é o deus romano das portas, com duas faces: uma virada para dentro da cidade e outra para fora dos muros (a paz e a guerra).

Os argumentos para fundamentar a tese de que a escrita é um constante comunicar e aprender, são propostos em três partes, que são: escrever é preciso; descrever, interpretar e argumentar como modos de teorizar; e produzir “mapas”.

O metatexto é fruto do trabalho do pesquisador, pela utilização de textos somada a subjetividade da sua pesquisa. Os autores defendem que é preciso escrever desde cedo e ao longo de todo o processo de análise, pois escrever é um modo de construção de maior compreensão sobre os fenômenos investigados.

Em se tratando de análises qualitativas, a construção trata-se de avanços de explicação e compreensão atingidos nas análises, entendimento que extrapolam as informações coletadas diretamente na pesquisa.

O escrever é movimento do caos para a ordem. A estrutura do metatexto necessita ser aperfeiçoada ao longo do processo da escrita, objetivando a construção da compreensão.

Como dito, o pesquisador deve escrever desde cedo, desde o início da pesquisa, mesmo que ainda não tenha clareza e precisão no que será escrito. É preciso se expor, se arriscar, mediante a produção de pequenos textos para cada uma das categorias e subcategorias, pois a escrita é parte central de qualquer pesquisa e encaminhará tanto a comunicação dos resultados quanto a aprendizagem sobre os fenômenos investigados.

Para a produção da escrita, existem componentes ou elementos básico que precisam estar presentes: descrição, interpretação e argumentação integradora.

Descrever é expressar do modo organizado os sentidos e significados construídos a partir das análises. Interpretar pode tanto significar o avanço de teorias já existentes (a partir de referenciais teóricos “a priori”), como a construção de novas (a partir de teorias emergentes). Argumentar é convencer por meio das pretensões de teorização, do movimento em que de uma leitura de um primento plano o pesquisador procura atingir níveis mais aprofundados de compreensão, explicação e interpretação; é ter algo novo a dizer, sendo criativo.

Um bom texto vai da descrição e narrativa para a interpretação e argumentação. A criatividade não ocorre no vazio. Isso exige investir em pensamento próprio, no sentido de conseguir superar o já posto, reconstruindo-o. É conseguir enxergar além do que o discurso dominante permite.

Os textos não são escritos apenas para comunicar algo já perfeitamente conhecido, mas também para aprender, para construir novos modos de compreender a realidade.

Interessante aqui lembrar o que já foi dito sobre o fato de a produção escrita ocorrer num processo em espiral, num constante “movimento”, em que o pesquisador utiliza-se de seus “insights” compreensivos que precisam ser ampliados e explicitados no metatexto.

A metáfora do mapa, utilizada pelos autores, é bastante interessante: a produção escrita é uma viagem sem mapa; a “viagem” propicia a elaboração do mapa para orientar o caminho de um terreno que não é conhecido.

Seja na metáfora do deus romano – Jano -, ou na metáfora do mapa, a escrita representa um desafio de criação exigente, mas gratificante.

CAPÍTULO 5 – MERGULHOS DISCURSIVOS: análise textual discursiva entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos

Neste capítulo, os autores mostram o processo da análise textual discursiva como impregnações intensas em discursos sociais visando a sua compreensão cada vez mais profunda e simultaneamente à participação em sua transformação. Argumentam que a análise textual discursiva é um mergulho em processos discursivos.

98

Como já visto anteriormente, existe um processo por meio do qual a análise textual discursiva é feita: unitarização dos textos do “corpus”, categorização das unidades e o produto que é o metatexto (com a subjetividade do pesquisador). As análises textuais discursivas conjugam análise e síntese.

A estrutura do metatexto deve ser organizada e produzida por um conjunto de argumentos aglutinadores, organizados em torno de uma tese ou argumento geral. No encaminhamento do metatexto propriamente dito salienta-se sua organização em dois momentos (já estudados anteriormente): a descrição e a interpretação.

O metatexto deve conseguir expressar os resultados das análises de forma clara e consistente. O pesquisador, ao mesmo tempo que compreende de forma mais complexa os fenômenos que investiga, consegue comunicar os resultados da análise cada vez com maior precisão e qualidade.

Os textos devem ser claros e consistentes, revelando um encadeamento das idéias que os compõem, com introdução, desenvolvimento e fechamento.

Produzir bons textos é permanentemente superar limites. A construção linguística que é o texto, deve sofrer o processo de construção e reconstrução. Importante é o papel da crítica (leitores em geral, colegas, orientadores etc), que possibilita aperfeiçoar as produções e também ajuda a construir a sua cientificidade e validade.

A qualidade formal do texto deve estar intimamente associada à sua qualidade política, que implica em o pesquisador se assumir sujeito e autor de seus textos, tendo coragem de expressar argumentos próprios dentro do trabalho.

A análise textual discursiva pode ser entendida como um processo simultâneo de aprendizagem, comunicação e intervenção (reconstrução dos discursos implicados nos textos analisados).

CAPÍTULO 6 - ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA: análise de conteúdo? análise de discurso?

Neste capítulo, os autores apontam as características específicas da Análise de Conteúdo e da Análise de Discurso, com o objetivo de compreender melhor a Análise Textual Discursiva, tendo como base de análise apenas os pressupostos de uma das metodologias, partindo-se do princípio de que as diferentes metodologias são válidas e têm condições de contribuir na construção da compreensão de fenômenos que investigam.

A Análise de Conteúdo, a Análise de Discurso e a Análise Textual Discursiva têm como objetivo primordial a análise textual, aqui focada no estudo dos textos nas pesquisas qualitativas que formarão, juntamente com a auto-organização do pesquisador (seus “insights” e subjetividade), o metatexto. Mesmo que possam ser examinadas a partir de um eixo comum de características, também apresentam diferenças.

Os autores utilizam-se da metáfora do “curso do rio”, aduzindo que a Análise de Conteúdo - AC e Análise do Discurso - AD podem ser compreendidas como exercícios de movimentar-se num rio, sendo que a primeira desloca-se “rio abaixo” (a favor da correnteza) e a segunda, “rio acima” (contra a corrente).

A AC e a AD são metodologias para a análise textual, que podem ser relacionadas em algumas características. A primeira é a descrição/interpretação. De forma geral, a AC procura estabelecer conexões entre o nível sintático do texto com os níveis semântico e pragmático do mesmo, enquanto a AD salta para o nível interpretativo. É claro que ambas as análises não ficam completamente polarizadas, pois em alguns momentos acabam se envolvendo.

Outra análise é feita com base da compreensão/crítica, sendo que a AC foca na compreensão e a AD na crítica. A AC procura penetrar no discurso para compreendê-lo, enquanto que a AD busca examinar os fenômenos a partir de um olhar teórico externo ao fenômeno, por isso é mais crítica.

Com relação à forma de leitura que se entende possa ser realizada, surge o exame do manifesto/latente nos textos. A AC está no manifesto, no objetivo, no explícito. A AD está no latente, no subjetivo, no implícito. Mas, hoje em dia, esse exame não é tão simples assim, pois a AC também aprofunda seu teor de estudo considerando o oculto, as mensagens implícitas de um discurso e suas condições de produção.

Uma outra abordagem, tem por base a fenomenologia, a hermenêutica e a etnografia X a dialética. A AC tem na fenomenologia um de seus fundamentos, com a valorização do sujeito e suas manifestações, o que caracteriza também a hermenêutica e a etnometodologia. A AD têm suas raízes no materialismo histórico e na dialética marxista, utilizando a dialética como referencial de interpretação e crítica.

Com relação ao exame parte/todo (dos textos), de início poder-se-ia afirmar que a AC cuida do texto de forma mais fragmentada (parte) e a AD cuida do todo (holística). Neste esforço de superação da fragmentação a AD se movimenta mais decisivamente em direção ao todo. Mesmo assim, aceitando que algumas formas de AC continuam excessivamente fragmentadas, também nesta abordagem está em curso um esforço em

cada vez mais atingir uma compreensão global dos fenômenos examinados.

Último foco de exame é a utilização de teorias (dedutivas, indutivas, mistas, outras a cargo do pesquisador) na AC e na AD. As teorias emergentes e as teorias “a priori”. A AD estrutura-se sempre em torno de teorias marcantes e fortes escolhidas “a priori” (dedução, indução ou mista). Já a AC pode tanto operar com teorias “a priori” quanto com teorias emergentes. A opção por trabalhar com uma ou outra forma de conceber a teoria na pesquisa depende de escolhas epistemológicas e metodológicas feitas pelo pesquisador.

Voltando para a metáfora do “curso do rio”, apresentada pelos autores, esse subir, descer ou ir para as profundezas do rio, não são direções que se excluem.

CAPÍTULO 7 – METAMORFOSES MÚLTIPLAS: emergências incertas e inseguras no caminho da análise textual discursiva

Metamorfose remete a transformação. Quando um pesquisador percorre o caminho da Análise Textual Discursiva, dá-se a emergência de um pesquisador capaz de reconstruir seu entendimento do escrever e percebendo novos sentidos na produção escrita.

Assim, nesse capítulo, os autores apresentam os resultados de uma pesquisa feita com pesquisadores que usaram a Análise Textual Discursiva - ATD em seus trabalhos (por meio de depoimentos dos participantes). Mostram que a ATD possibilita transformações dos conhecimentos, teorias, entendimento e paradigmas tanto da ciência, quanto do próprio pesquisador e sua realidade.

100

CONCLUSÃO

Em sede de conclusão e em consonância com a última abordagem feita pelos autores, a metáfora da Fênix (a ave egípcia que renasce das suas próprias cinzas) é útil para mostrar que na análise textual para as pesquisas qualitativas, o metatexto (produção textual) é atingido com base numa pesquisa produtiva de novos significados a partir da interação de diferentes vozes, inclusive a do próprio pesquisador (reconstrução de discursos sociais).

Assim, a obra opera em dois movimentos: do todo do texto para as partes de um processo analítico, retomando-se posteriormente o todo numa perspectiva ampliada; depois o texto inicia-se com um foco mais específico em uma metodologia de análise qualitativa, movimentando-se para outro foco mais amplo de entendimento da pesquisa como processo reconstrutivo de discursos sociais. Em ambas as situações, imprescindível o envolvimento do pesquisador.

Observa-se, assim, que a obra resenhada, é de fundamental importância para os estudiosos das pesquisas qualitativas, pois a Análise Textual Discursiva engloba tanto a Análise de Conteúdo – AC dos textos quanto a Análise do Discurso – AD. O que ao autores denominam de AC, pode-se entender pelos estudos da Linguística Textual.

Tendo o texto por objeto de estudo, com o objetivo de produção de outros textos (metatextos, trabalhos científicos em geral etc), a análise interdisciplinar de seu conteúdo e do discurso são fundamentais. O texto possui uma unidade de sentido, uma intenção, um propósito; é um resultado de ações finalisticamente orientadas e está inserido na situação e o contexto sócio-cognitivo.

Assim, a análise textual que aborda os aspectos da Linguística Textual e da Análise do Discurso, encontra-se num paradigma interdisciplinar, com um estudo “aberto” do texto. Daí a importância do ser humano, no caso, do pesquisador, pois o sentido dos textos estudados e do metatexto construído não existe em si, mas flui da relação entre o texto e o contexto, da interação, das formações socioculturais do homem na produção dos sentidos.

Pelo o exposto, a obra é recomendada para todos os estudiosos em geral, em especial para os que realizam análises textuais em suas pesquisas qualitativas.